

Caminhando pelo centro de São Paulo: primeiras lições em Etno, Matema e Ticas

Alexandre Silva D'Ambrosio

São Paulo, São Paulo, Brasil

alex.dambrosio.adv@gmail.com

Lembro bem de caminhar com meu pai pelas ruas de São Paulo quando criança. Ele gostava de me mostrar lugares que despertavam memórias da sua infância: onde ele passeava com seu pai, onde costumava comprar livros; onde pegava o bonde. Muitas vezes, saía com ele de carro para rodar pelo centro antigo. Passava perto do colégio Liceu Coração de Jesus, onde ele dizia “era aqui que eu estudava, onde o vovô era professor de matemática”. Passava pela Rua Lopes Chaves, onde sua antiga casa ainda existia. “Nessa rua morava também Mario de Andrade, éramos vizinhos”. Mostrava pontos dos quais se recordava de detalhes de quando era pequeno, onde seus pais gostavam de almoçar, onde a mãe fazia feira. Mostrava a rua onde morava quando conheceu minha mãe e o local onde passeavam escondidos, de mãos dadas. Passear com meu pai pelas ruas de São Paulo era uma aula lúdica de história.

Num desses passeios, estávamos a pé, procurando comprar uma agulha nova para nosso toca-discos. Eu estava na fase adolescente de ouvir música o dia inteiro, compilando músicas para gravar uma fita cassete. Convenci meu pai a comprar uma agulha da marca *Shure*, da mais alta qualidade, para assegurar um som “cristalino” nos meus discos de vinil. Há 50 anos, só existia vinil. Bons tempos aqueles; hoje minhas filhas adolescentes fazem *play lists*, selecionando músicas no Spotify. Não conhecem a sensação delirante de entrar numa loja de discos de vinil, nem o delicioso labor de sentar-se diante do aparelho de som gravando, pacientemente, por horas e horas, música por música para compor sua fita. Elas conhecem vinil pelo fato de eu ainda manter minha coleção, mas jamais ouviram uma fita cassete!

Nesse dia, atravessamos o viaduto Santa Efigênia, na região dos eletrônicos. No caminho, um homem, visivelmente em condição de rua, aproximou-se e puxou conversa.

Normalmente, ao ser abordada por um estranho na rua, é comum a qualquer pessoa se esquivar e afastar-se rapidamente. Algumas pessoas, num gesto de generosidade, talvez ofereçam uma esmola, ou simplesmente dirão: “Hoje não tenho”. Contudo, nunca me esqueço que meu pai parou para ouvir e conversar com esse estranho.

Era um senhor que, para mim, parecia idoso (mas, para uma criança de treze anos, qualquer pessoa acima de 30 parece velho). Era pardo, estava muito sujo, de chinelo e roupas gastas, mas tinha uma dignidade em seu porte. Olhava nos olhos, falava de maneira simples, mas lúcida. Lembro até hoje: ele caminhou em nossa direção e não pediu dinheiro, nem estendeu a mão. Vociferou ao meu pai: **“Bom dia; o senhor sabe que o mundo está prestes a acabar?”**

Eram meados da década de 70, período de distensão da guerra fria, guerra do Vietnã caminhando para um fim; relações entre EUA e China melhorando; no Brasil, ainda era o regime militar, mas com promessas de abertura na presidência de Ernesto Geisel; crise do petróleo, já tínhamos perdido a copa de 1974, mas sempre havia a eterna esperança de que o Brasil, algum dia, seria uma potência. Não obstante, a profecia era válida!

Meu pai parou, pensou e respondeu: “Ah, espero que não, mas... por que o senhor acha isso?” A partir dessa demonstração de interesse, o homem se abriu num sorriso e pôs-se a explicar sua teoria sobre o fim do mundo. Lembro que meu pai lhe perguntou seu nome, que não me lembro, mas vou chamá-lo aqui de “José”.

José pôs-se a falar. Falou da repressão militar, falou da guerra no Vietnã, falou do alinhamento dos planetas. Lembro bem, pois em 1975 houve um evento astronômico muito raro, do qual eu tinha ouvido falar na escola e que muito me impressionou, quando Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno entraram em linha reta com o Sol. Esse senhor, em condição de rua, estava a par desse evento e associou uma série de outras informações para construir sua teoria do apocalipse.

Meu pai deu corda e José expandiu sua fala. Para ele o alinhamento dos planetas era mais que um sinal; era gerador de um campo gravitacional mais intenso e, por isso, os

seres humanos não mais se entendiam; falou da elevação das marés, da agonia do planeta Terra, conectou temas da época de forma criativa, mas sempre com uma coerência que pareceu fazer sentido para mim.

Meu pai se interessou pela visão do homem. Demonstrou curiosidade, fez perguntas, e José, empolgado, completou sua tese. De repente, parou de falar, se despediu e foi embora. Não pediu nada, apenas seguiu seu caminho. Meu pai agradeceu-o e seguimos também nosso caminho.

Enquanto ele se afastava, lembro de ter feito algum comentário sobre José, como “*Que homem maluco!*” Na mesma hora, meu pai retrucou, discordando. Carinhosamente, explicou-me algumas coisas importantes:

Primeiro, ressaltou o quanto é importante para as pessoas serem **vistas**. A “invisibilidade” de um ser humano leva à perda de sua identidade. Sem identidade, não há cidadania. Sem cidadania, as pessoas perdem seu lugar na sociedade e no mundo. Portanto, interessar-se genuinamente pela narrativa de uma pessoa, qualquer que seja, é uma forma de reconhecimento da identidade desse indivíduo. Meu pai me explicou que aquele pequeno gesto de ouvir a narrativa de José e dar-lhe atenção pode ser, muitas vezes, mais valioso para José do que lhe oferecer uma moeda. Naquele momento, entendi parte do que meu pai fazia, como professor: o mais importante para um educador é **saber ouvir**, escutar e compreender, muito mais do que falar.

Também salientou que a visão de mundo daquele homem era tão verdadeira quanto a visão de cientistas ou filósofos. A diferença era apenas de perspectiva. Da perspectiva do homem em condição de rua, aquela interpretação do mundo fazia sentido. De fato, José falou do impacto de vários acontecimentos sobre sua própria realidade. Sobre como aqueles fatos lhe afetavam, como eram sentidos por ele, no seu ambiente. Sua percepção não estava baseada em “*fake news*” nem mentiras; ao contrário, eram fatos reais que, interpretados a partir de sua condição, lhe permitiram construir uma visão própria.

Fez-me entender o que é **empatia**, pois compreender os outros a partir deles mesmos é o maior desafio. Sem julgamento, sem ceticismo, procurar compreender a

perspectiva e realidade do outro. Só assim podemos aprender a questionar nossa própria realidade e perspectiva.

Por isso, meu pai me explicou, não caberia a nós contestar a visão de José, tentar lhe “educar” para incutir nele uma visão diferente. No máximo, valeria a pena tentar mostrar a José outras perspectivas sobre os mesmos fatos, mas jamais chamá-lo de louco e descartar suas ideias como irrelevantes.

De fato, conforme meu pai explicou, muitas revoluções científicas partiram de ideias inicialmente repudiadas, rejeitadas por serem “loucuras”. Aceitar o desafio de absorver novas ideias e interpretações é a melhor forma de aprender. Entendi, naquele momento, a diferença entre “educar” e “doutrinar”.

Por fim, aquele breve engajamento com um estranho no viaduto Santa Efigênia foi um momento de inflexão na minha adolescência.

Hoje, percebo como o conceito de “etnomatemática” que meu pai viria a desenvolver alguns anos mais tarde, tem sua base nos mesmos princípios que testemunhei naquele dia: (i) interessar-se, genuinamente, pela realidade das pessoas; (ii) compreender e respeitar as perspectivas que levam à interpretação dessa realidade, (iii) educar, não doutrinar, a partir dessa realidade.

A palavra “etnomatemática” foi lançada na conferência de Adelaide, na Austrália, em 1984. Gosto de acreditar que testemunhei o nascimento de alguns de seus fundamentos, dez anos antes, durante as caminhadas, ao lado do meu pai, pelas ruas de São Paulo.

Por sinal, ainda tenho a agulha *Shure* no meu toca-discos. Mas, infelizmente, não gravo mais fitas cassete.

São Paulo, 16 de maio de 2025.

Caminhando pelo centro de São Paulo: primeiras lições em Etno, Matema e Ticas

Strolling through downtown Sao Paulo: first lessons on Ethnicity, Knowledge and Technics for understanding the world

Paseando por el centro de Sao Paulo: primeras lecciones sobre Etnicidad, Conocimientos y Técnicas para comprender el mundo

Resumo

Nesta crônica, Alexandre D'Ambrosio, filho de Ubiratan, relata experiências com seu pai durante sua infância. Descreve um momento, em particular, marcante na adolescência de Alexandre: foi um encontro com pessoa em condição de rua, do qual nasceu uma conversa sobre o fim do mundo. Desse encontro, Alexandre tirou valiosas lições, que influenciaram sua formação e o ajudaram a compreender aquilo que o pai fazia, como educador.

Palavras-chave: Empatia. Realidade. Perspectiva. Respeito. Ubiratan.

Abstract

In this Chronicle, Alexandre D'Ambrosio, son of Ubiratan, recounts experiences with his father during his childhood. He describes a defining moment in his adolescence: an encounter with a homeless person, which led to a conversation about the end of the world. From this encounter, he learned valuable lessons that influenced his development and helped him understand what his father did as an educator.

Keywords: Empathy. Reality. Perspective. Respect. Ubiratan.

Resumen

En esta crónica Alexandre D'Ambrosio relata experiencias con su padre, Ubiratan, durante su infancia. Describe un momento decisivo em la adolescencia: fue un encuentro com Persona sin hogar, de la cual surgió una conversación sobre el fin del mundo. De esta reunión aprendió lecciones valiosas que influyeron en su educación y le ayudaron a comprender lo que hacía su padre como educador.

Palabras clave: Empatía. Realidad. Perspectiva. Respeto. Ubiratan.